

Esquenta a corrida pela geração elétrica limpa¹

Eduardo Belo²

Relatório recente da Agência Internacional de Energia (IEA, em inglês), mostra que o Brasil continua limpando sua matriz energética, em especial na geração elétrica. As estimativas da agência são de que em 2026 o país terá 50% mais energia eólica e solar que em 2022.

Mas a leitura atenta do documento revela uma faceta para a qual a própria IEA não deu muita atenção, mas que sinaliza os novos tempos da descarbonização. No mundo todo, a projeção é de que as energias renováveis gerem mais de um terço da eletricidade mundial em 2025, taxa que pode chegar a 46% em 2026. Dos grandes países, apenas a Rússia ainda se mantém fiel ao uso dos combustíveis fósseis como principal fonte geradora de eletricidade.

Com todas as limitações de suas matrizes, Europa, Estados Unidos e Ásia, incluindo a China, também estão em processo acelerado de “limpar” sua geração de eletricidade.

As informações nesse sentido estão espalhadas - bem espalhadas, diga-se - ao longo das 170 páginas do relatório, intitulado “Electricity 2024 - Analysis and forecast to 2026”. E a primeira novidade vem justamente da China. Logo no sumário do relatório a agência informa que “na China espera-se que a rápida expansão das fontes de energia renováveis satisfaça toda a procura adicional de eletricidade” dos próximos anos.

Importante ressaltar que, embora domine a produção de painéis fotovoltaicos e aerogeradores, principais insumos para a produção de eletricidade com base em energia solar e eólica, a maior parte da eletricidade “limpa” chinesa virá da geração hidrelétrica, sujeita ao regime de chuvas cada vez mais imprevisível diante das mudanças climáticas. Ainda assim, é uma sinalização importante, principalmente somada ao fato de que a geração de energia via carvão vai diminuir 1,7% ao ano até 2026, nas contas da IEA. Hoje, em torno de 60% da

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/coluna/esquenta-a-corrida-pela-geracao-eletrica-limpa.ghtml>

Acessado em 08.02.2024

² Editor de Brasil do Valor Econômico

geração elétrica chinesa deriva do carvão mineral. A estratégia de Pequim é ir pouco a pouco reduzindo o uso do carvão, embora o combustível funcione como “backup” para abastecer o país quando a geração insuficiente das renováveis for insuficiente.

O mundo todo deve seguir o passo chinês de suprir a nova demanda com eletricidade de fonte renovável. “Prevê-se que o fornecimento de eletricidade limpa satisfaça todo o crescimento da procura mundial até 2026”, afirma o relatório. A estimativa é que a demanda por eletricidade cresça na média global 3,6% ao ano até 2026. As projeções indicam que “fontes de baixas emissões, que reduzirão o papel dos combustíveis fósseis na produção mundial de eletricidade, representem quase metade da geração elétrica global, contra 39% em 2023”.

Para a Europa, a projeção da IEA é de crescimento de 14% na produção de energias renováveis neste ano, também no caso com boa parcela desse impulso vindo da produção hidrelétrica turca. O velho continente vai reduzir o emprego de carvão na geração elétrica em 10% ao ano até 2026, estima a agência. A previsão é de que a participação mundial dos combustíveis fósseis na geração elétrica diminua de 61% em 2023 para 54% em 2026, ficando abaixo de 60% na média global desde 1971, quando começam os registros da IEA. Lembrando que qualquer evento climático mais sério pode reduzir temporariamente a geração renovável, afetando levando a aumentos provisórios da geração “suja”.

O cenário, a partir desse quadro, é de redução média da emissão de CO₂ na geração de eletricidade em todo o mundo na faixa de 4% ao ano até 2026, o dobro do que foi obtido de 2015 a 2019. A IEA aponta a União Europeia como líder desse processo, com queda de 13% ao ano entre 2023 e 2026. China, com redução média de 6% ao ano, e Estados Unidos, com 5%, veem em seguida.

A participação da eletricidade de fonte limpa na produção da União Europeia - na qual a geração nuclear tem participação relevante, com quase metade da geração de baixo carbono - tende a superar 75% da matriz em 2026.

A UE tem como meta aumentar de 32% para 42,5% e, se possível, 45% a participação das renováveis na produção de eletricidade. A eletrificação do transporte europeu é um dos principais alvos dessa mudança. A expectativa é reduzir em 14,5% as emissões do setor até 2030.

Os Estados Unidos, responsável por cerca de 60% da eletricidade produzida e consumida nas Américas, terá também significativa limpeza da matriz elétrica. A IEA estima redução de 50% em 2022 para 44% em 2026 o uso de combustíveis fósseis para produzir eletricidade.

Geração fotovoltaica e eólica deve superar a produção de eletricidade por carvão nos Estados Unidos já este ano, a despeito de atrasos em projetos de usinas eólicas em alto-mar. A produção americana de carvão também vai cair 10% na média dos quatro anos (2003-2006), estima a agência. Os americanos

devem manter estável a produção de gás natural, o menos nocivo dos combustíveis fósseis.

Os números do relatório mostram quadro de relativo otimismo para a energia limpa - ainda que restrita à eletricidade. Mas valem como um alerta para o Brasil investir mais e pensar seriamente no tema, se quiser ser um ator global importante. Deitar em berço esplêndido e acreditar que a matriz já é limpa o bastante e não é necessário esforço extra não vai tirar o país do presente na corrida para o futuro.

O relatório está em iea.org/reports/world-energy-outlook-2004